

PARAFRASEANDO O CONDOR

“Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade”
Tanto horror perante “ o chão
Ó chão porque não afastas
Deste solo este quinhão!
Astros, noites, tempestades!
Varrei desta cidade
Do teu leito este borrão!
Quem são estes desgraçados
Que sedentos, alquebrados
De longe, bem longe vêm
Quem são?
“Homens simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão...”
Que se apinham em caravanas
N’alma, lágrimas e fel.
Quem são?
Existe um povo que a bandeira é sua
Que luzente no solo, se anuncia
Meu Deus, meu Deus, mas que bandeira é esta?
Que a malddad em cima tripudia
E à turba incita a fúria do algoz.
Chora, chora musa
Que a pólis se lave no teu pranto!
Castro! Arranca este pendão dos ares!
Brasil, abre a porta dos teus mares!

Mavetse de Argos

São Paulo, 20 de junho de 2013.

--

João Estevam de Argos
Mestrando em Arqueologia Clássica
Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga - Labeca

Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE
Universidade de São Paulo